



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



#### O PERCURSO EM BUSCA DE FONTES ESCOLARES: O CASO DO GYMNASIO SÃO VICENTE DE PAULO

Patrícia Seibert Lyrio<sup>1</sup>  
Rosianny Campos Berto<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto analisa o percurso em busca de fontes para a produção de pesquisas locais em História da Educação, considerando a experiência de investigação com foco em uma instituição escolar, o Gymnasio São Vicente de Paulo (GSVP), que se localizava no centro de Vitória, capital do Espírito Santo. O GSVP funcionou no período entre 1913 e 1971, como instituição privada que atendia aos filhos da elite capixaba e que foi doada, nos anos 1970, ao município de Vitória. A busca por essas fontes históricas toma como suporte teórico-metodológico o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), no sentido de seguir rastros e indícios que contribuam para reconstituir a história dessa instituição. Nesse percurso, as lacunas encontradas nas e entre as fontes, considerando sua escassez, precariedade e dispersão, despertaram uma reflexão sobre o fazer historiográfico local, no sentido de pensar a organização de acervos escolares.

**Palavras-chave:** Gymnasio São Vicente de Paulo; Fontes históricas; Espírito Santo.

#### INTRODUÇÃO

Este texto propõe uma reflexão sobre o percurso em busca das fontes para a produção de pesquisas locais em História da Educação, tomando como ponto de partida a experiência do estudo que tem como objeto de investigação a constituição histórica do Gymnasio São Vicente de Paulo (GSVP), instituição educativa que funcionou no período entre 1913 e 1971, no centro de Vitória, capital do Espírito Santo. O Ginásio foi uma instituição privada de ensino, subvencionada pelo estado do Espírito Santo e direcionada a atender e formar filhos e filhas da elite capixaba.

A pesquisa, que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes), busca compreender o processo de criação e organização desse ginásio, analisando o modo como ele foi criado e organizado em termos de cultura material, processos, práticas e sujeitos, de forma indiciária (GINZBURG, 1989). A análise considera fontes localizadas de maneira esparsa em arquivos diversos, que incluem desde acervos virtuais até algumas poucas caixas guardadas no chamado arquivo “morto” do prédio onde funciona, atualmente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Vicente de Paulo, que é a mais antiga escola pertencente ao município de Vitória. Assim, o percurso em

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE / Ufes). E-mail: [patricia.lyrio@edu.ufes.br](mailto:patricia.lyrio@edu.ufes.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação; professora do PPGE/Ufes. E-mail: [rosianny.berto@ufes.br](mailto:rosianny.berto@ufes.br).



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

busca de fontes que ajudem a compreender e reconstituir a história dessa instituição, caminha na direção da ideia de que “[...] a reconstrução da história das instituições escolares está intimamente relacionada à preservação e à organização dos seus arquivos, por meio dos quais se terá acesso às fontes que possibilitarão a pesquisa e a produção do conhecimento” (VIEIRA, 2013, p. 72).

Como indicam Lopes e Galvão (2001), a História da Educação brasileira, por um tempo, se construiu com base em fontes oficiais escritas – legislação, mensagens e relatórios governamentais e/ou produzidos pelo Poder Público, discussões parlamentares, atas, regulamentos, programas de ensino e estatísticas –, partindo de uma concepção e orientação positivista da produção historiográfica, que excluía os sujeitos, as questões locais, as minúcias das pequenas escolas e as práticas educativas. Entretanto, com a ampliação do olhar para as fontes e sua interrogação, o historiador da educação teve as possibilidades de sua atuação ampliadas pela utilização de fontes diversas, o que reafirma que “[...] a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 81), compreendendo, assim, que as fontes oficiais não eram suficientes para responder às novas questões de investigação que passaram a se apresentar.

Para reconstituir a história de uma escola e daquilo que a constitui, é preciso estarmos atentas nas conexões contextuais dessa instituição no meio social, político, cultural e econômico em que está inserida, abrindo caminhos para reflexões sobre conexões micro-macro que possibilitem responder questões gerais a partir do exame de situações particulares (LEVI, 2020). Como sugere Ginzburg (2007, p. 269, grifo do autor), é preciso realizar

[...] um contínuo vaivém entre micro e macro-história, entre close-ups e planos gerais [*extreme long shots*], a pôr continuamente em discussão a visão conjunta do processo histórico por meio de exceções aparentes e causas de breve período [...] [pois] a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea.

Assim, tomamos como ponto de partida desta análise, o percurso em busca das fontes, sejam as deixadas pelos antigos proprietários do *Gymnasio São Vicente de Paulo*, sejam aquelas indicadas pelos rastros deixados pelos demais sujeitos que contribuíram na produção dessa história.



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



Nesse sentido, a noção de fonte se mostra fundamental, porque é na relação com ela que o historiador esquadrinha rastros, indícios e vestígios. É Marc Bloch (2001, p. 79) quem nos conduz nesse entendimento, ao considerar as fontes como testemunhos e ao indicar que sua diversidade “[...] é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.

A principal questão que se coloca diante de nós ao pensarmos na busca pelas fontes educacionais no Espírito Santo, diz respeito à insuficiência, à precariedade e à sua dispersão. Como nos lembram Simões e Franco (2004), isso impacta na [...] escassez de produção historiográfica dirigida ao Estado como um todo e à realidade educacional em particular” (p. 3). Para isso, é necessária a produção “[...] de estudos regionais e locais, como forma de dar visibilidade a realidades e sujeitos normalmente ignorados ou obscurecidos na escrita da História universalizante” (SIMÕES; FRANCO, 2004, p. 2-3).

Assim, uma importante reflexão sobre o processo pelo qual as fontes sobrevivem ou não às ações humanas e se tornam acessíveis à análise, vem também de Bloch (2001, p. 83, grifo nosso), quando diz que:

A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, **os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise**, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações. À frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas de que fez uso. Isso é muito bom. Mas não basta. Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou [, caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’ Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. **O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia.** É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio.

É essa reflexão que orienta este texto, ao tematizar o difícil processo de busca pelas fontes que, após localizadas, são mapeadas e serializadas para, então, passar por um interrogatório, pois como propõe Bloch (2001, p. 79), mesmo os documentos “[...]”



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los”.

#### METODOLOGIA

No processo de busca e de interrogação às fontes, nos orientamos pelo paradigma indiciário, que emergiu nas ciências humanas por volta do século XIX – ainda que ele remeta aos primeiros seres humanos – e está relacionado com o próprio desenvolvimento da narração: “[...] o caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (GINZBURG, 1989, p. 152). Narramos, nesse sentido, a busca minuciosa pelas fontes a partir de rastros e pistas.

É possível dizer que o paradigma indiciário não se norteia pelas características mais evidentes da situação pesquisada, mas atenta para os detalhes, os indícios, às vezes imperceptíveis, em sintomas, em signos, em pormenores, em dados marginais e em pistas (GINZBURG, 1989). Dessa forma, o caminho em busca das fontes do GSVP percorre passos da própria instituição, com o intuito de encontrar os rastros deixados e indo ao encontro dos indícios, deparando-nos com um processo investigativo longo e repleto de lacunas.

#### O GYMNASIO SÃO VICENTE DE PAULO EM MEIO AOS ESTUDOS SOBRE AS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

O Gymnasio São Vicente de Paulo é uma instituição educativa que iniciou o seu funcionamento sob a forma de educandário, inaugurado no início do século XX, cujo propósito era levar a educação para os moradores da capital do Espírito Santo, Vitória, por estar localizado no grande centro dos acontecimentos daquele período.

A escola foi criada em 19 de julho de 1913 como uma instituição privada, pertencente aos irmãos Aristóbalo Barbosa Leão (Diretor), Kosciuszko Barbosa Leão (Vice-diretor) e Miguel Barbosa Leão (Secretário) em um prédio (IMAGEM 1) localizado na região denominada Cidade Alta, no Centro da Capital Vitória, onde esteve localizada, anteriormente,



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

a casa do governador do Espírito Santo, Muniz Freire.<sup>3</sup> O prédio é hoje um monumento datado do século XIX.

IMAGEM 1 – PRÉDIO EM QUE FUNCIONOU O GSVP.



Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória

Em 1971, a escola foi doada para o município de Vitória e passou a funcionar como instituição pública municipal de educação básica. Atualmente em funcionamento, a escola denominou-se Escola Municipal de Ensino Fundamental São Vicente de Paulo e atende a estudantes do primeiro e do segundo segmentos do ensino fundamental, ocupando o prédio no qual funcionou o antigo colégio do Carmo<sup>4</sup>, no Centro da capital.

No início do século XX, a educação secundária no Espírito Santo se desenvolvia, especialmente, em duas escolas públicas, que detinham grande prestígio social, como lembra o estudo de Salim (2009, p. 167-168),

<sup>3</sup> Trata-se de José de Melo Carvalho Muniz Freire (1861-1918), que governou o Espírito Santo em dois diferentes momentos: 1892 a 1889 e 1900 a 1904. Maiores informações sobre o governador estão disponíveis em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FREIRE,%20Muniz.pdf>.

<sup>4</sup> O Colégio do Carmo era a forma de se referir ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que era mantido pela Diocese do Espírito Santo, com subvenção do governo do estado do Espírito Santo foi equiparado à Escola Normal.



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

Nos primeiros anos da República, o Espírito Santo contava com um estabelecimento de ensino secundário e um estabelecimento de ensino secundário profissional, ambos localizados na cidade de Vitória. O primeiro era o Ginásio Espírito Santo, criado pela Lei nº 460, de 24 de outubro de 1906, mas que só passou a funcionar dois anos depois a partir da regulamentação estabelecida pelo Decreto nº 96, de 19 de fevereiro de 1908, e o segundo, a Escola Normal Pedro II, criada pelo Decreto nº 2, de 4 de junho de 1892, ambos equiparados ao Ginásio Nacional Pedro II. Os demais estabelecimentos de ensino secundário que surgiram ao longo do período [...] seguiam obrigatoriamente, o regulamento e o programa curricular das duas instituições públicas.

Tomar como objeto de pesquisa a constituição histórica desse ginásio, que era uma das poucas instituições privadas do período, significa caminhar juntamente com a história da sociedade capixaba naquele contexto, dos processos de remodelação da cidade e da organização educacional da capital, de maneira que:

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição [...] [significa] integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência (MAGALHÃES, 2004, p. 133-134).

Vale salientar que os estudos históricos em Educação, entre os quais estão aqueles relativos às instituições escolares, ganharam lugar na historiografia da educação brasileira a partir de meados de 1950, antes mesmo da constituição dos primeiros programas de pós-graduação, o que ocorreu apenas por volta de 1960, no Rio de Janeiro e em São Paulo, em universidades católicas (GATTI JUNIOR; GATTI, 2018). Com a expansão da Pós-Graduação a partir da década de 1990 e o aumento das linhas de pesquisa dedicadas à História da Educação, ampliaram-se, expressivamente, segundo os autores, os estudos sobre a temática das instituições educativas. Desse modo, apesar da dificuldade com o acesso às fontes que possibilitem compreender os múltiplos aspectos que envolvem a constituição de uma instituição escolar, e da inexistência, em diversos casos, de uma organização dos acervos de documentos dessas instituições, esforços têm sido empreendidos para compreendê-las.

A instituição escolar tem sido tomada como objeto de investigação historiográfica por meio do qual se pode acessar, intimamente, questões que constituem a escola tendo em vista seus espaços, seus tempos, seus sujeitos, seus currículos e suas práticas. Analisar uma escola



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

de dentro para fora significa atentar para suas particularidades e buscar nexos com o que ocorre externamente. Para tanto, Magalhães (1998) sugere caminhos para construir o processo de investigação sobre as instituições escolares, que deveria, no seu entendimento, atentar para elementos como:

- Espaço (local/lugar, edifício, topografia);
- Tempo (calendário, horário, agenda antropológica);
- Currículo (conjunto das matérias lecionadas, métodos, tempos, etc. ou racionalidade da prática);
- Modelo Pedagógico (construção de uma racionalidade complexa que articula a lógica estruturante interna com as categorias externas que a constituem — tempo, lugar e ação);
- Professores (recrutamento, profissionalização; formação, organização, mobilização, história de vida, itinerários, expectativas, decisões, compensações);
- Manuais Escolares;
- Públicos (cultura, forma de estimulação e resistências);
- Dimensões (níveis de apropriação, transferências da cultura escolar, escolarização, alfabetização, destinos de vida). (MAGALHÃES, apud GATTI JUNIOR, 2007, p. 184).

Ainda que parta de um referencial diferente daquele com que nos propomos a trabalhar, o autor nos oferece pistas sobre o olhar a ser lançado para os meandros de uma instituição educativa, de modo que para acessá-los, é preciso considerar um múltiplo conjunto de fontes, que vão desde registros escritos e impressos, passando por materiais e artefatos escolares.

#### **AS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS NOS ESTUDOS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO: OS GINÁSIOS NAS PESQUISAS SOBRE O ESPÍRITO SANTO**

Inicialmente, vale dizer que, no conjunto das pesquisas em História da Educação no/do Espírito Santo, os estudos sobre as instituições educativas são escassos. Na maioria dos casos, as instituições escolares aparecem nos estudos de forma tangencial, em pesquisas que tematizam outras questões, especialmente aquelas relacionadas com a formação e as práticas docentes.

Assim, a construção do objeto de investigação que permeia este texto e, nesse sentido, a construção do percurso trilhado em busca das fontes, se valeu, inicialmente, de um olhar para a historiografia que, de algum modo, tenha tematizado ou perpassado questões sobre as



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



instituições educativas, em especial, os ginásios, no Espírito Santo. Uma primeira investigação sobre a temática é tese de doutoramento de Borel (2017), que apresentou a análise sobre uma das mais conhecidas instituições educativas do Estado nas primeiras décadas do século XX. A autora analisou a configuração da docência no Ginásio do Espírito Santo (GES) nos anos de 1930 e 1940, tendo como objetivo principal investigar a trajetória formativa e profissional dos professores da instituição.

Segundo a autora, para alcançar o objetivo da pesquisa foi necessário historicizar o Ginásio para compreender os processos que permearam a constituição de seu corpo docente. A autora observa que apesar de ser uma instituição pública, o GES, criado em 1906, servia aos interesses da elite local.

A criação do GES pode ser entendida, no âmbito da pesquisa, como uma forma de proporcionar aos filhos da elite capixaba um ensino de qualidade, sem que precisassem migrar para outras cidades. As equiparações ao Colégio Pedro II concediam ao educandário uma posição de destaque no contexto capixaba daqueles tempos. Observa-se que, apesar de a instituição ser mantida pelo erário público, valores referentes às taxas obrigatórias, a saber, as de exame e de matrícula, eram cobrados mensalmente dos alunos. Como se não bastasse a cobrança de taxas, outro fator direcionava aquele nível de ensino para uma classe social específica, isso porque o educandário praticava o exame de admissão para o ingresso dos estudantes, criando uma seleção que priorizava aqueles que tiveram a oportunidade de frequentar um ensino primário de qualidade e/ou os que tinham condições financeiras de custear estudos preparatórios para as provas exigidas nos exames (BOREL, 2017).

Criado sete anos depois do GES, o Ginásio São Vicente de Paulo surge como mais uma instituição direcionada a servir de espaço de formação para uma determinada camada da sociedade capixaba, especialmente, aquela que pudesse pagar pelos estudos, já que se tratava de uma instituição particular. O GSVP estava equiparado ao GES, que seguia o modelo do Ginásio Pedro II.

As duas escolas se diferenciavam, especialmente, por ofertar distintas modalidades de formação. Além do ensino ginásial, Lauff (2018) lembra que a escola oferecia o ensino normal. Com relação a essa questão, aparece o nome da professora Judith Leão Castelo, que lecionava no Gymnasio São Vicente de Paulo e passou a atuar na Escola Normal, após um polêmico concurso:





### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

O caso do concurso para lente catedrático da cadeira de Pedagogia da EN Pedro II, ocorrido em 1932, merece ser mencionado porque envolveu a discussão sobre quem dominava os novos métodos de ensino. Nessa contenda, Christiano Fraga e Judith Leão Castelo classificaram-se em primeiro lugar. Lídia Besouchet ocupou a segunda posição. O jornal Diário da Manhã publicou matérias redigidas por Judith Castello sobre o concurso para cadeira de Pedagogia da EN Pedro II, nas quais a professora reproduz o requerimento de Fraga e o parecer do dr. Medeiros e Albuquerque sobre o caso (concedidos a ela pelo secretário da Instrução). Fraga recorreu ao interventor Federal alegando que Castello não poderia ter sido classificada ao seu lado porque a tese apresentada pela candidata se afastava das linhas gerais da Pedagogia. Além disso, aponta vários erros de coerência na tese dessa professora apresentada no concurso e argumenta que Castello teria sido apadrinhada por Carlos Xavier Paes Barreto, que compunha a banca examinadora e que trabalhava junto com ela no Ginásio São Vicente de Paulo, dirigido pelos os tios da professora Judith (FRAGA, apud LAUFF, 2018, p. 58).

A professora Judith Castello é citada na investigação de Lauff (2018) na relação com o trabalho pedagógico que desenvolvia em seus treze anos de atuação no magistério. A autora afirma que “[...] os princípios defendidos por essa professora de pedagogia se alinhavam ao pensamento do grupo mais conservador de políticos e intelectuais capixabas” (LAUFF, 2018, p.62).

Sobre as instituições de ensino secundário na capital do Espírito Santo, a pesquisa de Maria Alayde Alcântara Salim focaliza a investigação das práticas de leitura desenvolvidas em duas instituições públicas de ensino secundário, durante a Primeira República. A autora analisa as questões sociais, políticas, culturais e educacionais que marcaram a sociedade no período, chegando aos professores que desenvolviam suas práticas e suas atividades literárias, tendo em vista o fomento à cultura, que promovia a circulação de materiais impressos na cidade como, por exemplo, textos poéticos que circulavam em jornais. Nessa investigação, também é analisada a organização do ensino secundário, que sofreu diversas mudanças durante a Primeira República:

O Ginásio do Espírito Santo e a Escola Normal se consolidavam como instituições de ensino secundário oficial, passando a funcionar de maneira mais estável. Foi instituída a realização concurso [sic] público para provimento das cadeiras de professores, os chamados ‘lentes’, favorecendo a formação gradativa de um quadro de profissionais regulares nas duas instituições. Apesar disso, muitas cadeiras continuavam vagas devido à carência de profissionais para atuar em determinadas áreas do conhecimento (SALIM, 2009, p. 42).



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

A autora explicita que entre as instituições encontradas na capital do Espírito Santo, em 1929, além das escolas públicas oficiais, também estavam as instituições particulares que, no ensino secundário, predominavam quantitativamente diante dos colégios públicos. Dessa forma, menciona as escolas que funcionavam na capital do estado naquele período, entre as quais aparece o nome do Ginásio São Vicente de Paulo.

Como indica a autora, ao finalizar a década de 1920, as instituições particulares despontavam no cenário educacional local, a considerar os benefícios concedidos pelo governo do Estado, que destinava a essas escolas, verba pública sob a forma de subvenção. Sobre isso, a autora destaca a fala do último secretário da Instrução Pública, Atilio Vivacqua (apud SALIM, 2009, p. 171), que em 1930 dizia:

Temos, na realidade, um valioso concurso da iniciativa particular em benefício da instrução, justificado pelo interesse e auxílio com que o governo continua a apoiá-la, já mediante subvenções, já mediante outras formas, como o fornecimento de materiais escolares. A quase totalidade dos institutos respectivos se acha provida à custa do Estado.

Mesmo tangenciando o tema, vale ressaltar o trabalho que Costa (2022) desenvolveu, tendo como objetivo investigar a presença de estudantes negras na passagem entre o curso secundário da Escola Normal Pedro II, iniciado em 1936, em Vitória, e a instituição legal do Ginásio Maria Ortiz, em 1943, em diálogo com o processo de feminização do magistério e com os efeitos do pensamento eugênico na sociedade brasileira durante o período analisado. A autora destaca a importância desse ginásio e a necessidade de que ele seja tematizado em pesquisas de História da Educação, considerando seu papel nas mudanças ocorridas com um conjunto de reformas <sup>5</sup> pelas quais a educação local passou a partir da Primeira República, mas especialmente, por serem escassos os trabalhos que atentam para a história de escolas privadas no Espírito Santo.

Essa investigação se mostra relevante para nossa pesquisa, a considerar, principalmente, o caminho percorrido em busca de fontes. A autora detalha o levantamento feito a partir da própria instituição, atual Escola Estadual de Ensino Médio Maria Ortiz, que a surpreendeu pela

<sup>5</sup> Gomes Cardim (1908) e Atilio Vivacqua (1928).



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



ausência de documentos que contemplariam o recorte temporal inicialmente estabelecido (décadas de 1920 e 1930). Relata que essa procura constituiu o momento mais complexo da investigação, interferindo no tema inicial do projeto, que envolvia a busca por professoras negras no estado do Espírito Santo e se localizou apenas documentos com o foco em alunas negras do curso fundamental do ensino secundário. Assim, a investigação justificou-se pela necessidade de um estudo que atentasse para estudantes e professores negros nas antigas instituições.

Considerando as lacunas existentes no que tange à presença ou ausência de mulheres negras no magistério capixaba no período investigado, este estudo torna-se relevante na medida em que integra um conjunto de trabalhos desenvolvidos acerca da História da Educação do Espírito Santo no âmbito do Nucaphe. Além disso, ressaltamos a possibilidade de contribuir com os estudos de gênero e das questões étnico-raciais, já que propõe investigar a presença/ausência de mulheres negras que integraram as turmas do GMO [...] (COSTA, 2022, p.15)

Assim, com um trabalho que tomou os rumos indicados pelas fontes, a autora evidencia em sua dissertação a importância de se investigar o Ginásio Maria Ortiz como instituição de ensino dedicada à formação de meninas.

A aproximação de investigações que tenham como foco os ginásios no Espírito Santo é fundamental para compreendermos dois elementos que dialogam com a nossa investigação. O primeiro diz respeito à ausência de trabalhos que abordem os ginásios como instituições educativas e, nesse sentido, também não se localizam investigações que tenham se dedicado especificamente aos ginásios, sejam privados, sejam públicos, o que indica haver uma lacuna a ser preenchida na história da educação local. O segundo elemento, envolve as dificuldades que temos tido de acessar fontes escolares. São os desafios colocados por esse processo, que passamos a problematizar.

#### **O PERCURSO EM BUSCA DAS FONTES SOBRE O GYMNASIO SÃO VICENTE DE PAULO**

Ao investigarmos a constituição de uma escola privada centenária, doada ao Poder Público, imaginávamos encontrar um conjunto de fontes preservadas, mas os caminhos em



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

busca das fontes têm se mostrado complexos. Por essa razão, recorreremos a Ginzburg (1989) quando ele menciona uma analogia entre a procura investigativa pelas fontes, pelos indícios deixados, ao detetive fictício, Sherlock Holmes, pela perspicácia na busca de solucionar os casos, partindo de “indícios imperceptíveis para a maioria” (p. 145). Inspirados nesse percurso investigativo, traçamos o nosso caminho e iniciamos o trabalho em busca das fontes e do que eles poderiam nos contar.

As primeiras visitas à escola, levaram-nos a descobrir a existência de artefatos e mobiliário que pertenceram ao Gymnasio São Vicente de Paulo, como: chapeleira e piano (IMANGES 1 e 2), além de um dicionário localizado dentro do fichário. É importante observar que os estudos sobre a cultura material escolar possibilitam enxergar esses materiais históricos não como base principal da observação, mas “[...] como um componente da interpretação histórica voltada para o estudo das representações e das práticas escolares”. (SOUZA, 2007, p. 170).

IMAGEM 1: PIANO DO GSVP



Fonte: Acervo do GSVP

IMAGEM 2: CHAPELEIRA



Fonte: Acervo do GSVP

Na relação com essas fontes, uma análise almejada neste estudo diz respeito à organização do espaço escolar, o qual deve ser compreendido como uma construção social, um detalhe importante do processo educativo que revela o emprego dado a ele por aqueles que o utilizaram. Os espaços e os materiais escolares trazem em sua materialidade um conjunto de



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

significados que precisam ser compreendidos, pois nele poderemos visualizar algo que ainda não conseguimos ver em outras fontes:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, o espaço educativo refletiu obviamente as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos (ESCOLANO, 2001, p. 26)

O encontro com esses artefatos produziu em nós a expectativa inicial de que, posteriormente, encontraríamos um arquivo com abundância documentos escritos. Passamos, então, a imaginar de que modo as fontes históricas presentes no arquivo da escola contribuiriam para o desvelamento da história do *Gymnasio São Vicente de Paulo* e de toda a sua constituição. A expectativa baseava-se na ideia de que por se tratar de uma escola centenária e que foi doada para o município, o ato da doação teria incluído o acervo documental da escola, produzido durante os anos de funcionamento – quase sessenta anos. O que encontramos, entretanto, foi outra coisa.

A escola herdeira do GSVP se localiza no centro da capital, que hoje funciona em um antigo prédio pertencente à arquidiocese de Vitória. Nessa escola, encontramos uma sala para arquivar documentos, denominada como “arquivo morto” e foi nesse espaço que localizamos duas caixas-arquivos com o que restou de todo material doado pelo antigo dono do GSVP.

Salientamos que a busca no arquivo escolar não foi uma tarefa fácil, por não haver organização das fontes, o que aparenta ser algo comum em nossa sociedade ao falarmos de memórias não preservadas. Não esperávamos encontrar a história de uma instituição centenária e de importância local resumida a duas caixas de papelão, deparando-nos com a ausência de diversas histórias não contadas, o que nos remeteu a Bloch (2001, p. 82) ao dizer que “Reunir os documentos que estima necessários é uma das tarefas mais difíceis do historiador”.

Organizar o que foi localizado é um meio de evitar o esquecimento e tem como ponto de partida decisões que vão desde a seleção (o que será aproveitado e o que será descartado) até a maneira como será organizado e acessado. Como relembra Marc Bloch (2001) os documentos



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

não surgirão aqui ou ali e a falta deles ou a presença decorrem de ações humanas que também podem e devem ser analisadas.

Se os materiais encontrados derivam de “causas humanas”, a busca pelas fontes deve ser incessante e precisamos estar atentos a todas as pistas que surgirem. Dessa forma, a atenção precisa estar redobrada ao primeiro contato com os materiais encontrados.

As fontes encontradas nas caixas foram fotografadas e organizadas em um quadro. Incluem objetos pertencentes ao GSVP e estão servindo como guias na busca por fontes que estejam disponíveis em outros acervos. Mesmo não havendo um número significativo de documentos como imaginávamos, os que existem constituem-se como importantes pontos de partida, ainda que isso implique ser “[...] capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) [...] uma série coerente de eventos” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Nesse acervo, encontramos diversas fotografias sem data e sem identificação, a partir das quais é possível observarmos iniciativas do GSVP, como: realização de bailes de formatura, apresentações em desfile cívico-militares e do Batalhão Ginásial; imagens dos uniformes (incluindo o das normalistas); detalhes da sala de direção da escola (IMAGEM 2) e das bancas examinadoras.

IMAGEM 2: SALA DO DIRETOR DO GSVP



Fonte: Caixa do arquivo morto da EMEF São Vicente de Paulo

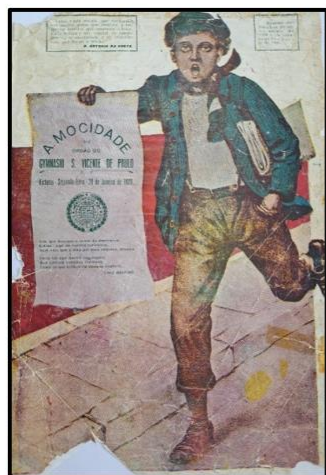


### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

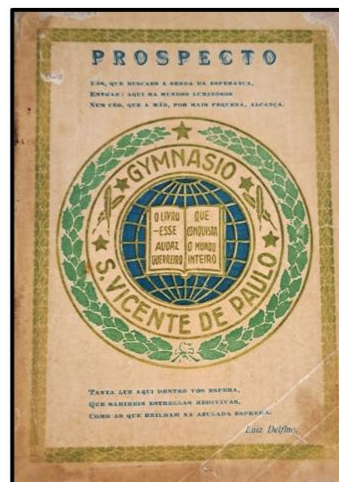
Também destacamos dois exemplares originais das revistas *A Mocidade* (IMAGEM 3) e *Prospecto* (IMAGEM 4), que, ao que tudo indica, eram produzidas pela própria instituição e destinava-se à apresentação do GSVP à sociedade capixaba, explicando de forma minuciosa como funcionava a escola e como seus estudantes eram tratados. Os impressos destacam, em especial, a magnitude da formação oferecida, que contava com professores de excelência que pudessem dar o retorno positivo às famílias que confiassem no trabalho do GSVP.

IMAGEM 3: REVISTA *A MOCIDADE*, 1929



Fonte: acervo do GSVP

IMAGEM 4: REVISTA *PROSPECTO*



Fonte: acervo do GSVP

Citamos essas duas revistas entre as principais fontes encontradas nesse acervo escolar, o que representa um primeiro passo para entrar na realidade vivida pelo Ginásio, pois nessas fontes podemos identificar informações sobre a organização da instituição por meio das palavras dos gestores, que eram, também, redatores do impresso. Segundo consta, a primeira revista citada possuía edição mensal. A partir do número encontrado no acervo da escola, localizamos, em acervos pessoais, outros dois exemplares. No conjunto, as edições a que temos acesso são de três diferentes anos: 1916, 1926 e 1929, em cópias encadernadas (compiladas, que ora se repetem e se misturam).

Os exemplares apresentam os seguintes elementos: as normas da escola; a lista do enxoval dos alunos; a organização dos exames aplicados pelo Ginásio; algumas correspondências com elogios ao ensino que era ofertado pela instituição; propagandas dos cursos ofertados; textos religiosos; menção ao ensino militar oferecido pela instituição;



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

descrição profissional dos militares que direcionavam essa modalidade; hinos e textos sobre os gestores; e produção literária, como produções/composições dos irmãos/diretores do GSVP.

Deparamo-nos, ainda com um documento proveniente de um acervo pessoal<sup>6</sup> que indica a existência de um Batalhão Ginásial (IMAGEM 5) e a existência de um Tiro de Guerra, o que se confirma por meio de fotos e textos localizados no jornal *A Mocidade*.

IMAGEM 5: FOTOGRAFIA DO BATALHÃO GINASIAL, 1925



Fonte: Caixa do arquivo morto da EMEF São Vicente de Paulo, 1925

Ainda no percurso em busca das fontes, acessamos a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, na qual localizamos menções ao Ginásio em impressos locais, envolvendo anúncios tais como: propaganda de 1914 do GSVP; decreto de 1921 que deu subvenção ao GSVP; atividades esportivas praticadas pelos alunos e representantes da escola; texto analisando a revista *A Mocidade*, dentre outros.

A verificação das fontes que já foram e ainda serão localizadas abre possibilidades de compreender aspectos da escola relativos aos modos de funcionamento da instituição, dialogando, assim, com a noção de *cultura escolar* na maneira como é proposta por Julia (2001, p. 13), que a entende:

<sup>6</sup> Trata-se do acervo do avô da pós-graduada que realiza esta investigação.





### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

As visitas à escola e aos demais arquivos, que também incluem o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) e o Arquivo de Escolas Extintas da Secretaria de Estado da educação, continuarão a ser realizadas, para que possamos realimentar as análises e preencher possíveis lacunas neste estudo.

Nessa busca por fontes diversas, destacamos a importância de as considerarmos em sua multiplicidade, a fim de reconstituir a história e a memória da Instituição estudada, que é parte da sociedade capixaba, de modo a compor a história e o patrimônio educativo local. Assim,

A tarefa de recuperar, preservar, estudar e divulgar o patrimônio educativo, nomeadamente os arquivos escolares, adquire um novo sentido e urgência, que passa pela necessidade de definir orientações e dar consistência ao movimento que hoje se faz sentir, tanto em nível social como científico, sobre a escola, a sua história e memória (MOGARRO, 2005, p. 114)

À vista disso, analisar uma Instituição educacional centenária como o Ginásio São Vicente de Paulo, poderá ampliar o papel da investigação em História da Educação no Espírito Santo e colaborará conjuntamente com a preservação da história e da memória da capital do Estado, podendo, também, trazer à luz informações sobre aspectos culturais, sociais e educacionais do Espírito Santo.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas inquietações no trato com a documentação nos levam à reflexão sobre o paradeiro e sobre a preservação das fontes, pois estudar uma instituição escolar, significa, por vezes, resgatar e recuperar o material produzido historicamente pela escola, realizando localmente, uma garimpagem e uma organização desse material, de modo a possibilitar a ampliação e o acesso a essas fontes, na produção da historiografia da educação capixaba. Para



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

recuperar e reconstruir a história não há outra maneira senão por meio das fontes, como destacam Simões, Berto e Salim (2018).

Direcionamos nosso estudo para uma instituição que importante na cena educacional capixaba e que se destaca por ter, até os dias atuais, seu nome em relevância no centro do município de Vitória, Capital do Espírito Santo. Apesar disso, estamos diante de grandes lacunas quando falamos sobre documentos arquivados, pois não há a cultura de preservar essa história nas instituições educativas locais.

Salientamos que em outras análises sobre a história da educação no Espírito Santo, encontramos alguns estudos que abordavam de forma superficial instituições da mesma região e que constatava a dificuldade de encontrar a memória da escola preservada pela própria instituição. As dificuldades estão expostas a partir do momento em que não se encontram documentos catalogados, armazenados e organizados que dialoguem com a história narrada dentro e fora dos muros de determinada instituição escolar estudada.

Em atribuição à imensa provocação que se expõe para reconstituir a história e a memória de instituições como essa, é significativo estabelecer planejamento, produzir reflexão, possibilitar a organização e a estruturação de ações de formação local, para que, com isso, aumentem as perspectivas de investigações e de conhecimento, tanto da história da educação regional, como da história global.

Assim, o percurso metodológico adotado, que convoca a examinar as fontes a “[...] ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira será possível levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irreduzível a elas” (GINZBURG, 2002, p. 43). Desse modo, buscamos preencher as lacunas que encontramos, na produção de uma historiografia da educação capaz de dar visibilidade às instituições escolares capixabas.

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.



### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

BOREL, Tatiana. A configuração da docência no Ginásio do Espírito Santo (1906-1951). 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo- Vitória, 2017.

COSTA, Fernanda Maria Oliveira da. A presença de estudantes negras no ginásio Maria Ortiz, anexo á Escola Normal Pedro II de Vitória, Espírito Santo (1936-1943). 2022. Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Federal do Espírito Santo- Vitória, 2022.

DOMINIQUE, Julia, A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

GATTI JÚNIOR, Décio; GATTI, Giseli Cristina do Vale. História e historiografia das instituições escolares: aspectos conceituais, teóricos e metodológicos. In: LUCHESE, Terciane Ângela; FERNANDES, Cassiane Curtarelli; BELUSSO, Gisele (Org.). **Instituições, histórias e culturas escolares**. Caxias do Sul: Educus, 2018. p. 23 - 54.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAUFF, Rafaelle Flaiman. Diretrizes para formação de professores espirito-santenses na antessala da ditadura do Estado Novo (1930-1937). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, 2018.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maira; KARSBURG, Alexandre (org.). **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 19-34.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHÃES, Justino Pereira de ( Appud GATTI JÚNIOR, Contribuições para um rico e importante debate teórico-metodológico sobre a história das instituições educativas. P.146, 2006). *Tecendo nexos: História das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2004.

MOGARRO, M. J. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). *Dossiê Cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus*. **Proposições**, v.16, n.1 (46), jan./abr., p. 103-116, 2005.



13 a 16 de junho  
Evento Online

### III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER  
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.

PIROLA, André Luís Bis. Lutas, leis e livros: Professores de história na história do ensino no Espírito Santo: 1850-1950. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- São Paulo, 2013.

SALIM, Maria Alayde Alcantara. **Encontros e desencontros entre o mundo do texto e o mundo dos sujeitos nas práticas de leitura desenvolvidas em escolas capixabas na primeira república**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, 2009.

SIMÕES, Regina Helena Silva; BERTO, Rosianny Campos; SALIM, Maria Alayde Alcântara (org.). **Temas da história e da historiografia da educação no Espírito Santo**. 2. ed. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2021. DOI: <https://doi.org/10.52695/978-65-88977-49-1>. Disponível em: <https://encontrografia.com/978-65-88977-49-1/>. Acesso em: 24 set. 2021.

SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel (Org.). **História da educação no Espírito Santo**: catálogo de fontes. Vitória: Edufes, 2004.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Instituições escolares: memória, fontes, arquivos e novas tecnologias. In: SILVA, João Carlos da; ORSO, José Paulino; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (Org.). **História da educação**: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Alínea, 2013. p. 65-78.